



Dinâmicas da história na modernidade poética

Víctor Gustavo Zonana

A modernidade entre tapumes. Da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna, de Vagner Camilo, São Paulo, Ateliê Editorial/Fapesp, 2020, 592 p.

Com Baudelaire, o conceito de “moderno”, associado à categoria de “o novo”, assume uma singular importância para explicar a evolução histórica das artes. Impacta na forma em que cada escritor se coloca frente a seu tempo e ao passado. Movidas pelo imperativo de serem modernas, as vanguardas históricas postulam o ideal da ruptura com a tradição de acordo com um movimento progressivo e libertador. Pois bem, tanto da perspectiva dos próprios artistas como dos críticos, uma visão mais complexa manifesta os desajustes dessa concepção do desenvolvimento estético. As histórias das literaturas nacionais exibem movimentos de recuperação de poéticas, especialmente nos momentos em que os programas renovadores se enrijecem em sua própria retórica e perdem o potencial de novidade que os anima inicialmente.

Em *A modernidade entre tapumes*, Vagner Camilo (doutor em Teoria e História

Literárias pela Universidade de Campinas e professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo) busca explicar a evolução da lírica brasileira desde a crise do Modernismo, a emergência de um retorno neoclássico e o posterior surgimento do Concretismo. Percorre as manifestações do campo desde a década de 30 até os últimos anos de 50. Sua visão é sistêmica, uma vez que atende às instâncias de produção, aos circuitos de circulação, às obras e à sua recepção. O pesquisador analisa também as relações entre teoria poética e prática artística, as intervenções no campo literário das vozes canônicas, das emergentes e também das coetâneas inclassificáveis que exibem

Texto traduzido por Cia. das Traduções.

VÍCTOR GUSTAVO ZONANA é professor da Universidad Nacional de Cuyo (Argentina) e autor de, entre outros, *Arte, forma, sentido: la poesía de Daniel Devoto* (Ediciones del Copista).

uma forma de participação particular no diálogo com as poéticas em conflito. Ele reconstrói as interações polêmicas ou amistosas na reestruturação do campo. Examina a circulação da literatura e da teoria literária estrangeira e seu impacto na conformação das poéticas dominantes no Brasil; problematiza as relações de tais poéticas com os acontecimentos histórico-sociais e a transformação do papel do escritor a partir de sua profissionalização, entre outras variáveis.

O título do livro recupera o potencial heurístico de “A um hotel em demolição”, último poema de *A vida passada a limpo* (1959), de Carlos Drummond de Andrade, interpretado como um balanço crítico do Modernismo, do giro neoclássico da geração de 45 e do construtivismo posterior (p. 542). Seguindo essa leitura, o período pode ser concebido como um canteiro de obras cercado por tapumes, que servem de advertência para os processos de demolição, remodelação e nova construção, uma analogia que permitiria repensar as dinâmicas da história literária.

O ponto de partida do trabalho é o reconhecimento do giro formalista, de caráter neoclássico, que se verifica na lírica brasileira após a Segunda Guerra, tanto nos poetas modernistas como nos da geração de 45. De acordo com o diagnóstico do autor, esta tendência não foi examinada de maneira sistemática mediante uma abordagem ampla e contrastante. Por essa razão, propõe um exame detalhado do período, concebido como encruzilhada. Trata-se de um giro que repercute de maneira diversa no campo literário, uma vez que exhibe, paradoxalmente, uma apropriação regressiva em alguns dos poetas emergentes de 45 e uma apropriação crítica e sumamente valiosa do ponto de

vista estético dos modernistas. Para Camilo, tratar-se-ia de “[...] um período que sinaliza, concomitantemente, o encerramento de um ciclo de modernização e o nascimento de um novo” (p. 16). O estudo, portanto, propõe-se como uma contribuição mais profunda e rigorosa do conhecimento do período.

Do ponto de vista teórico, o exame do problema da modernidade parte dos questionamentos de Peter Bürger em relação às teses de Adorno sobre a vanguarda, enriquecidos, entre outros, pelas contribuições de Raymond Williams, Frederic Jameson, Antoine Compagnon, sobre os “antimodernos”, e William Marx, sobre movimentos de “retaguarda” (*arrière-garde*). Baseada nesse horizonte, a análise do giro formalista de caráter neoclássico atende às causas que o motivam; à possibilidade de recuperar o impulso moderno, antes de transformar-se em convenção, mediante a recriação e reconfiguração de técnicas do passado como uma forma de resistência a uma compreensão ingênua e otimista do potencial renovador. Este marco de referência apresenta também a necessidade de compreender a dinâmica da história literária não como um movimento em uma única direção – uma sucessão de rupturas –, mas como um fluxo complexo que supõe continuidades e retornos à tradição. A partir dessas categorias, esse jogo de *corsi e ricorsi* pode ser entendido não necessária ou unicamente como um afã restaurador, mas também como a expressão da angústia frente à degradação do ideal de ruptura, quer dizer, como um modo de permanecer fiel à mística da vanguarda, não só demolindo a tradição, mas também remodelando-a e reutilizando criticamente seus procedimentos.

Do ponto de vista metodológico, Camilo trabalha com um *corpus* não

exaustivo, mas altamente representativo de poetas modernistas (Carlos Drummond de Andrade, Augusto Meyer, Jorge de Lima, Murilo Mendes) e da geração de 45 (Péricles Eugênio da Silva Ramos, Ledo Ivo, Domingos Carvalho da Silva, José Paulo Moreira da Fonseca, Bueno de Rivera, Geir Campos, Alphonsus de Guimaraens Filho, Paulo Mendes Campos, Mauro Mota, Alfonso Félix de Sousa, Thiago de Mello). Do primeiro grupo, exclui poetas que conservam traços simbolistas como Cecília Meireles ou Manuel Bandeira, uma vez que, nesses casos, o impacto do giro neoclássico é percebido de um modo menos evidente. Entende que essas restrições não atentam contra as hipóteses do livro. Quanto às vozes de enquadramento complexo, dedica um capítulo ao exame de Dantas Motta e a sua localização no sistema em relação ao Modernismo e à geração de 45.

Esse *corpus* é examinado de maneira contrastante e é interpretado à luz das variáveis do sistema literário acima mencionadas, bem como da história cultural, social e política. O foco contrastante permite reconhecer as distintas formas de assunção do giro formalista/neoclássico tanto na análise das obras poéticas como na das intervenções teóricas e críticas dos próprios autores e dos estudiosos da literatura no período compreendido pelo estudo.

O estudo divide-se em três partes fundamentais. A primeira compreende dois capítulos iniciais. No primeiro, Camilo dedica-se ao exame de *Brejo das almas* (1934) como manifestação do abandono da poética modernista e da indecisão político-ideológica de Drummond, coincidente com sua etapa de participação no governo de Getúlio Vargas como chefe de gabinete no Ministério

da Educação e Saúde Pública. Nessa coletânea o eu lírico oscila entre seus conflitos pessoais (particularmente a frustração amorosa) e o questionamento dessa preocupação individualista frente às exigências de posicionamento ideológico e participação social. O segundo capítulo analisa a passagem para uma poesia participativa de abertura ao mundo e aos outros, que é exibida de maneira progressiva em *Sentimento do mundo* (1940), *José* (1942) e *Rosa do povo* (1945). Essa abertura progressiva é analisada a partir do mapeamento cognitivo (Jameson) que o eu lírico realiza do espaço da metrópole. Em cada um desses livros, o poeta vai encurtando sua distância com a realidade social, mediante um contraponto entre o espaço interior e o exterior.

A figura de Carlos Drummond de Andrade constitui um eixo que atravessa de maneira implícita ou explícita todo o percurso argumentativo. Essa opção é fundamentada por sua relevância no sistema da lírica brasileira; mas também pelo fato de que sua reflexão teórica e crítica, suas relações com os poetas emergentes, suas avaliações em torno da produção da nova geração e sua apropriação crítica do giro formalista permitem reconstruir o processo a partir de uma visão de suma perspicácia em torno das reacomodações do sistema. Esse “horizonte Drummond” confere também uma maior organicidade ao estudo.

A segunda parte, mais ampla (capítulos III a XI), constitui o núcleo da pesquisa dedicada à análise do giro formalista/neoclássico, bem como das formas de sua manifestação nos poetas modernistas “convertidos” e na geração de 45.

No Capítulo III, um diagrama da lírica brasileira é apresentado a partir de

1945 em seu conjunto: observa-se, em primeiro plano, como o giro formalista não constitui um fenômeno somente nacional, mas se relaciona com processos artísticos presentes na Europa e na América Latina, abrangendo todas as artes (pintura, música) como uma espécie de “chamado à ordem”. Camilo detém-se em especial nas relações da geração de 45 com alguns nomes representativos, como Juan Rodolfo Wilcock, da geração neorromântica argentina de 40. Caracteriza a seguir o perfil da geração brasileira de 45, a forma em que estabelece seus vínculos, as práticas diferenciais mediante as quais se posiciona no campo literário (revistas, congressos, clubes de poesia), os eixos da reflexão teórica sobre a poesia que institui (a natureza do essencialmente poético, o hermetismo, a poesia pura, entre outros), a recuperação dominante de gêneros (ode, elegia) e formas poéticas (o soneto e os esquemas estróficos tradicionais da poesia portuguesa), o retorno a temáticas de caráter universal e a preocupação com a linguagem poética em relação ao leitor.

No Capítulo IV, Camilo reconstrói as principais discussões que marcam a crítica de poesia nas décadas de 1940 e 1950 levando em consideração as tendências formalistas e o retorno aos moldes convencionais que foram tratados até o momento. Considera a atitude da crítica frente às tendências formalistas e ao debate que gera devido não somente à rotinização das experiências vanguardistas e ao envelhecimento do moderno, mas também frente à recepção de certas teorias sobre a especificidade do poético, como, por exemplo, a do *new criticism*, cuja chegada ao Brasil coincide com a emergência do giro neoclássico. Para essa reconstrução escolhe

a figura emblemática de Sérgio Buarque de Holanda, principalmente.

A recepção da poesia e das poéticas de Eliot, Valéry e Rilke como mentores da geração de 45 é examinada no Capítulo V. A análise foca a projeção desses autores na crítica e na historiografia, em particular em torno dos conceitos de “tradição”, “clássico”, “correlato objetivo”, “impessoalidade” e “poesia pura” e nas formas em que se realiza sua recepção.

No Capítulo VI, Camilo realiza um excuro sobre a projeção da poesia de T. S. Eliot, especialmente em *The waste land*, e seus ecos no poema “A tempestade”, de José Paulo Moreira de Fonseca.

O retorno à tradição está vinculado a uma tensão estrutural em torno da modernidade a partir de Baudelaire: a relação entre o transitório e o imutável. Após examinar os modos como a crítica contemporânea interpretou essa tensão, tal como se apresenta na crítica baudelairiana (Benjamin, Jauss, Compagnon, entre outros), no Capítulo VII, Camilo identifica como esta é resolvida nos autores do período. Adverte que os poetas da geração de 45 confiam na perenidade do canto e concebem o trabalho artístico como um modo de extrair a beleza da vida, transfigurando a atualidade em eternidade, através da forma. Analisa em seus poemas a recriação da tópica horaciana do canto mais duradouro que o bronze. Por modo contrário, em poemas dos modernistas “classicizados” (Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Murilo Mendes), o apelo à forma é realizado de maneira crítica e permite ressaltar uma consciência muito aguda do transitório e da impossibilidade de perduração.

No Capítulo VIII e em relação à problemática da perduração do canto, são analisa-

das as recuperações das figuras míticas de Orfeu e Aníon como modos de representação do eu poético, à luz do contexto histórico e poético do Brasil. Essas recriações são interpretadas como manifestações da crise da modernidade e da configuração da poesia no campo literário e social.

O giro formalista supõe também um “re-encontro com as matrizes clássicas da língua” (p. 429), uma reavaliação da tradição da poesia portuguesa. Nos capítulos IX e X, são analisadas distintas formas desta recuperação: o primeiro deles examina coletâneas como o *Livro de sonetos*, de Jorge de Lima, e *Últimos poemas*, de Augusto Meyer, e o seguinte, *Sonetos brancos*, de Murilo Mendes (escritos entre 1946 e 1948).

Esta segunda parte é encerrada no Capítulo XI, dedicado às *Elegias do país das gerais*, de Dantas Motta. O estudo concentra-se no enquadramento geracional do autor e suas possíveis relações com o Modernismo e com a geração emergente de 45. De acordo com Camilo, o projeto de Motta se afasta do tom elegíaco rilkiano predominante nos poetas de 45, por traços como a experimentação formal, a engenhosa adaptação das convenções clássicas da elegia pastoral e das epístolas paulinas à sua realidade social e histórica e pelo tom crítico de sua poesia. Examina também a gênese do projeto das *Elegias* através das cartas do poeta para Drummond e reflete sobre seus principais conteúdos em relação ao gênero memorialístico e às configurações do sujeito lírico nos distintos livros.

A última parte é constituída por um só capítulo (XII) e configura uma espécie de balanço do percurso argumentativo. O capítulo retoma a consideração das configurações espaciais e dos mapeamentos cog-

nitivos da grande cidade como modo de avaliar os processos de modernização e seus efeitos. A partir dessa perspectiva, o poema “A um hotel em demolição” é examinado como retrato do Rio de Janeiro e do Brasil e como reflexão filosófica em torno do problema do tempo. Além disso, relaciona esses conteúdos com a versificação do poema (pp. 549 e segs.). Por último, o estudo da versificação e das estratégias compositivas revela, como Drummond menciona ironicamente, tanto a apropriação parnasiana da forma pelos poetas de 45 como o Concretismo emergente (pp. 552 e segs.). Desse modo, Camilo mostra o caráter metapoético de “A um hotel...” que traça o curso da poesia brasileira de uma vanguarda (a de 20) a outra (a de 50).

A modernidade entre tapumes sustenta-se num enquadramento teórico e crítico exaustivo, atualizado, e em uma leitura atenta das obras que formam seu *corpus* de análise. Apresenta uma visão profunda e relacional do sistema da poesia brasileira entre 30 e 50. Abre, além disso, linhas de pesquisa regional ao apontar os vínculos possíveis das linhas emergentes da poesia brasileira com a lírica latino-americana no período e com outras artes. Configura também um modelo de compreensão historiográfica de uma literatura nacional a partir de um ponto de vista que estabelece relações entre autores canônicos e novos e reconhece formas de apropriação da tradição literária. Cabe destacar também que a visada global, ao estabelecer relações com a história, a sociedade, o urbanismo e as demais artes, combina-se com uma notável sensibilidade para comentar a poesia em seus aspectos temáticos e estilísticos.